



O PODCAST COMO FERRAMENTA INCLUSIVA EM AULAS REMOTAS

Mylton Franklyn da Silva Reis ¹
Aleksandra Nogueira de Oliveira Fernandes ²

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar o processo de ensino-aprendizagem de um aluno cego em uma turma de 7º ano através do uso do *podcast* como uma ferramenta inclusiva em aulas remotas. Para isso, foi-se realizada uma revisão teórica subsidiada por autores como: Nunes e Lomônaco (2010), Cooper (2008), Bottentuit Junior e Coutinho (2009), Uchoa (2010), Mantoan (1998), Freire (2013), entre outros. Enquanto método de pesquisa, o estudo se caracteriza como uma abordagem qualitativa e utiliza a técnica de Intervenção Pedagógica dentro das aulas de Língua Portuguesa. Após todo o processo interventivo, denotou-se que a inclusão foi alcançada, porque o aluno com necessidades especiais passou a participar mais ativamente das aulas e foi inserido dentro do processo de ensino como alguém ativo e a aprendizagem foi realizada, pois o discente conseguiu compreender o conteúdo com mais facilidade.

Palavras-chave: Inclusão, *Podcast*, Necessidades especiais, Intervenção Pedagógica.

INTRODUÇÃO

No atual cenário ocasionado pela pandemia da COVID-19³ que assola o ano de 2020, a educação precisou passar por diversas adaptações a fim de que o processo de ensino-aprendizagem se concretizasse. No entanto, com a impossibilidade de encontros presenciais, foi-se preciso reaver métodos remotos de discussão de conhecimento para a realização das aulas. Felizmente, a tecnologia se torna uma aliada para essa adversidade, pois temos diversas plataformas que permitem que professor e alunos se encontrem virtualmente e continuem desempenhando o processo educativo. Todavia, muitas dessas

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Matemática do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN Campus Mossoró, myltonfranklyn_bg@hotmail.com;

² Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional - PPGEP do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - IFRN, Campus Natal Central. Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação - POSEDUC da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. Professora de Didática, em regime de dedicação exclusiva, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), Campus Mossoró, aleksandra.nogueira@ifrn.edu.br;

³ Informação retirada do site <https://coronavirus.saude.gov.br/>: A COVID-19 é uma doença causada pelo coronavírus, denominado SARS-CoV-2, que apresenta um espectro clínico variando de infecções assintomáticas a quadros graves.



plataformas são impossibilitadas para certas necessidades especiais dos alunos, como, por exemplo, os alunos cegos.

Segundo Nunes e Lomônaco (2010), cegueira é uma deficiência visual que tem como característica a limitação de uma das formas de apreensão do mundo externo. Quanto à deficiência visual, existem dois tipos: cegueira, que é a total falta de visão, e baixa visão. É importante salientar que o termo “cego” e “deficiente visual” não são a mesma coisa, visto que o segundo é mais abrangente e pode tratar de pessoas que ainda enxergam algo, porém com limitações, como é o caso das pessoas com baixa visão que, ainda sim, precisam ter suas necessidades especiais respeitadas e adaptadas.

As formas de compreensão do mundo, da matéria, linguagem e comunicação podem se desenvolver de formas diferentes nas pessoas, pois cada um é detentor de uma singularidade. No entanto, no caso de pessoas cegas, existem alguns fatores que precisam ser levados em consideração para que haja o entendimento da forma como elas compreendem o mundo. Nunes e Lomônaco (2010, p. 2) enfatizam que “o contexto psicológico, familiar e social influencia o modo como a pessoa vive sua condição de cegueira”. À vista disso, é importante que o professor, ao assumir seu papel de facilitador do conhecimento, compreenda pelo menos minimamente as concepções de mundo de um aluno cego.

Como forma de auxiliar o professor quanto às atividades dos alunos com necessidades especiais, a Prefeitura Municipal de Mossoró – Rio Grande do Norte (RN), juntamente com a Secretaria Municipal de Educação, contratam estagiários que estudam em cursos da área educativa para servirem como um suporte e trabalharem a partir dos conceitos de inclusão do aluno com deficiência e adaptação de aulas e atividades como forma de facilitar a discussão do conhecimento. Este é o cargo que eu desempenho em uma escola da rede municipal de ensino e, em tempos de pandemia, estamos trabalhando na perspectiva do cumprimento do processo de ensino-aprendizagem.

Observando o cenário atual e suas limitações, o trabalho do professor-auxiliar estagiário deve também atuar de maneira remota e à distância como forma de atender aos cuidados básicos recomendados pelos órgãos de saúde. Por isso, cabe a nós repensarmos, juntamente aos professores, estratégias didático-pedagógicas que atuem a fim de aliar o conhecimento discutido às necessidades especiais do aluno. Nesta perspectiva, pensei no



*podcast*⁴ como uma ferramenta metodológica para realizar a adaptação dos conteúdos passados pelo professor aos alunos da sala de aula objetivando apresentar diferentes estratégias que aproveitem os conhecimentos e sentidos do discente que acompanho.

Por influência das atuais questões que permeiam a educação atual, é necessário repensar novas formas de se concretizar o processo de ensino-aprendizagem por meio das aulas remotas aplicadas durante a pandemia causada pelo coronavírus. Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo analisar o processo de ensino-aprendizagem de um aluno cego através do uso inclusivo da ferramenta *podcast* em sala de aula.

Esta pesquisa tem como metodologia a abordagem qualitativa, pois os resultados foram discutidos a partir de dados e informações debatidos doravante à experiência vivenciada. Além disso, foi-se realizada uma revisão bibliográfica seguida de uma intervenção pedagógica. A seguir, será feita uma discussão a respeito do papel inclusivo do *podcast* e, por conseguinte, será abordada a autonomia como consequência da ação inclusiva em sala de aula. Em seguida, serão tratados os métodos e técnicas utilizadas para consumação da pesquisa, bem como os resultados obtidos.

Segundo Cooper (2008), o termo *podcast* é dividido em *pod*, que são as iniciais de “*portable on demand*”, e em *cast*, que advém do termo “*brodcasting*” que está relacionado a transmissão em diferentes meios de comunicação, como a TV, rádio, internet, entre outros. Atualmente, existem diversas plataformas que armazenam e transmitem o *podcast*, como o *Spotify*⁵, *iTunes*⁶, *YouTube*⁷, *Deezer*⁸, entre outras. Hoje em dia, o *podcast* se apresenta como uma ferramenta de comunicação altamente difundida e versátil, podendo abranger diversos assuntos, desde questões sociopolíticas, até temas humorísticos.

Diante da ascensão dessa mídia e se apoiando na noção geral de se utilizar tecnologias de diferentes formas para aprimorar os diversos meios de se executar o processo de ensino-aprendizagem, surge o *podcast* educativo. É interessante salientar que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) aponta a importância do acompanhamento

⁴ Meio de transmissão multimídia em formato virtual e criado normalmente por usuários independentes.

⁵ O mais popular serviço de streaming de áudio, *podcasts* e vídeo que pode ser acessado através de computadores e smartphones.

⁶ Reprodutor de áudio e vídeo desenvolvido pela *Apple* para seus produtos, como *iPhones*, *iPads* e *iPods*. Também permite o serviço de compra e venda de arquivos, inclusive *podcasts*.

⁷ Plataforma de compartilhamento de vídeos mais famosa do mundo.

⁸ Serviço de streaming de áudios e *podcasts* criado em 2007 e, assim como o *Spotify*, pode ser acessado por computadores e smartphones.



educacional a partir do uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) ao considerar que,

O estímulo ao pensamento criativo, lógico e crítico, por meio da construção e do fortalecimento da capacidade de fazer perguntas e de avaliar respostas, de argumentar, de interagir com diversas produções culturais, de fazer uso de tecnologias de informação e comunicação, possibilita aos alunos ampliar sua compreensão de si mesmos, do mundo natural e social, das relações dos seres humanos entre si e com a natureza (BRASIL, 2018, p. 58).

À vista disso, o *podcast* se apresenta como uma alternativa a ser trabalhada em uma sala de aula com um aluno cego de forma a construir o processo de inclusão e, a partir disso, o de ensino-aprendizagem. No entanto, no contexto das aulas realizadas à distância, o *podcast* ainda pode aparecer como uma ferramenta de inclusão para alunos cegos, se trabalhada também com todos os alunos da turma. Nota-se que, ao utilizar o *podcast* como uma ferramenta inclusiva, pode-se trabalhar não só o quesito educacional através das aulas, mas também como um facilitador da formação cidadã e produtiva que, na sociedade atual, depende tanto das tecnologias.

Segundo Bottentuit Junior e Coutinho (2009, p. 2123),

[...] o *podcast* poderá converter-se numa poderosa ferramenta no processo de inclusão dos invisíveis no mundo das tecnologias, dando-lhes espaço no mundo virtual. Como não há um modelo de ensino ideal nem mesmo uma ferramenta que prometa resolver todos os problemas do ensino e da aprendizagem humana, o *podcast* deve ser entendido como mais uma ferramenta que pode ser utilizada em contexto pedagógico, que possui atributos específicos e diferenciais que podem (e devem) ser combinados com outros métodos e com outras ferramentas em prol da melhoria da aprendizagem.

Uma das facilidades do *podcast* é o seu baixo custo e sua facilidade de compartilhamento. Contudo, à medida que há a disponibilização dos *podcast* e à maneira que ele é trabalhado, o professor precisa realizar o acompanhamento da aprendizagem através de uma discussão do que se foi trazido. Essa conversa deve acontecer tanto entre o professor e aluno como também somente entre os alunos, incluindo o estudante com necessidades especiais, pois ele, como qualquer outro, deve estar inserido dentro do processo de ensino-aprendizagem e realizar as discussões com seus colegas sobre seus entendimentos acerca do que foi trabalhado. Por conseguinte, como afirma Uchôa (2010), essa ferramenta promove novas formas de aprendizagem e internalização de conhecimento vinculado aos métodos já conhecidos e utilizados. Além disso, há uma



valorização da independência e autonomia dos estudantes quanto ao professor, bem como a identificação de suas próprias dificuldades que acontece quando os discentes passam a discutir o que foi aprendido entre eles. Dessarte, é preciso se pensar em estratégias que se adaptem a cada estudante e que tenha como objetivo promover a autonomia.

Segundo Mantoan (1998), um dos grandes fatores que limita a conquista da autonomia de pessoas com necessidades especiais

[...] provém da percepção negativa que ela tem de si mesma. As pessoas que creem que o sucesso escolar está fora de seu alcance tendem a um subdesempenho escolar, porque essa percepção negativa inibe a aquisição e a utilização de meios para adaptar-se às exigências da escola. Na maioria das vezes, elas percebem o esforço de adaptação como sendo não-gratificante e tornam-se dependentes e mesmo subordinadas a condutas, escolhas e respostas alheias.

Isso acontece principalmente pelo não desenvolvimento de uma atitude autônoma dos alunos com deficiência em sala de aula. Muitas vezes, eles se tornam incapazes de tomar decisões e acabam por depender fortemente do professor e dos seus colegas de classe. É importante que os discentes tenham a oportunidade de não só aprender um conteúdo, mas também explicarem aquilo que aprenderam, e refletir entre si sobre seus conhecimentos e suas dificuldades.

Sendo assim, essa forma de exercer a aprendizagem através da discussão ajuda os alunos a desempenharem um papel ativo em sala de aula, ao invés de caírem na passividade e praticarem apenas a receptividade do conteúdo. O *podcast*, nesse sentido, não precisa se restringir somente às produções dos professores. O interessante de se inserir uma nova forma de discutir um conteúdo é apostar também na capacidade de produção dos alunos. Portanto, além de trabalhar o gênero, pode-se também o construir a partir de uma perspectiva inclusiva. Nesse sentido, Freire (2013, p. 112) afirma que,

A autonomia dos alunos poderá, desse modo, ser propiciada de forma mais segura através de um acompanhamento mais próximo do docente, que, dominando a tecnologia em uso, poderá cumprir funções pedagógicas e técnicas, elucidando dúvidas e auxiliando em iniciativas nas quais os alunos produzam podcasts. [...] Em tal campo de produções docentes, a realização de podcasts pelo professor pode levar os alunos a aproveitarem seus momentos ociosos para tomarem contato com conteúdos curriculares.

Por conseguinte, além do trabalho da autonomia dos alunos, o *podcast* atua como uma forma de iniciação tecnológica, devido a sua simplicidade. Outrossim, por mais que haja programas em diversas esferas que tenham como objetivo o apoio educacional aos



estudantes com necessidades especiais, muitos alunos com deficiência visual não dominam o braile, que é basicamente a principal forma de escrita utilizada por pessoas cegas ou de baixa visão. Portanto, é importante se ter outras opções viáveis ao lidar com esse tipo de situação. Assim, o *podcast* surge tanto como uma maneira de substituir as atividades que seriam realizadas tendo o braile como base, como também uma ferramenta de inclusão.

METODOLOGIA

Para Minayo *et al* (1993, p. 14),

Entendemos por metodologia o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. Ou seja, a metodologia inclui simultaneamente a teoria da abordagem (o método), os instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas) e a criatividade do pesquisador (sua experiência, sua capacidade pessoal e sua sensibilidade). A metodologia ocupa um lugar central no interior das teorias e está referida a elas.

Tomando como base o que foi dito pela autora acima, serão discutidos o método de pesquisa e as técnicas utilizadas neste trabalho.

De maneira a contemplar o objetivo proposto, utilizou-se como método de pesquisa a abordagem qualitativa, apoiando-se nas definições conceituais apresentadas por Godoy (1995, p. 58), que afirma que ela,

Parte de questões ou focos de interesses amplos, que vão se definindo à medida que o estudo se desenvolve. Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo.

Para incorporar a pesquisa, foram utilizados também duas técnicas de pesquisa. Primeiramente, uma revisão bibliográfica em literaturas nas quais foram desenvolvidos estudos acerca da educação inclusiva e/ou do uso do *podcast* como aparato educativo e metodológico e a intervenção pedagógica.

Como já foi mencionado, este trabalho foi estruturado a partir de duas técnicas de pesquisa: Revisão Bibliográfica e Intervenção Pedagógica. Segundo Gil (2002, p. 61), esse levantamento bibliográfico pode ser entendido como uma forma de proporcionar “a familiaridade do aluno com a área de estudo no qual está interessado, bem como sua

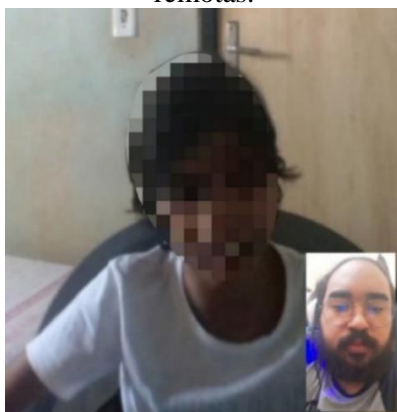


delimitação. Essa familiaridade é essencial para que o problema seja formulado de maneira clara e precisa”.

A revisão bibliográfica foi subsidiada por Nunes e Lomônaco (2010), Cooper (2008), Bottentuit Junior e Coutinho (2009), Uchoa (2010), Mantoan (1998), Freire (2013), além da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Os autores citados foram usados como forma de discutir sobre a justificativa deste trabalho, bem como nortear o contexto geral da pesquisa, a partir do debate sobre a inclusão educacional e o uso do *podcast* em sala de aula. Por conseguinte, seguiu-se para a elaboração da intervenção pedagógica, que são medidas estabelecidas pelos profissionais da educação para sanar alguma dificuldade no processo de ensino-aprendizagem de seus alunos e ajudá-los a compreender os conteúdos.

O problema foi identificado a partir das dificuldades que estavam sendo enfrentadas pelo aluno com relação à aprendizagem do conteúdo de adjetivos da disciplina de Língua Portuguesa. A abordagem utilizada pelo professor não estava trazendo bons resultados para Jorge⁹, que não conseguia compreender as informações que lhe estavam sendo repassadas. Isso foi notado a partir dos encontros virtuais que tive com ele por meio de chamadas de vídeo através da plataforma *WhatsApp*, nas quais o estudante estava acompanhado de sua mãe (Figura 1).

Figura 1 – Encontro virtual com o aluno para discussão sobre o conteúdo trabalhado nas aulas remotas.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Após o encontro, entrei em contato com a professora que acompanha o aluno no Centro de Apoio ao Deficiente Visual (CADV) e conversamos sobre a utilização da ferramenta *podcast* para as aulas. Em seguida, conversamos com a professora de Língua

⁹ Nome fictício usado especificamente para este trabalho a fim de conservar a identidade do aluno.



Portuguesa que aceitou a metodologia como maneira de incluir o aluno nas aulas. Por conseguinte, comecei a elaborar as mídias de áudio.

Antes de começar a elaboração do *podcast*, conversei com a professora sobre o conteúdo que estava sendo discutido nas aulas remotas e acompanhei os vídeos que eram disponibilizados. A partir disso, realizei o download do aplicativo *Anchor* e comecei a elaboração dos arquivos. Para dinamizar o *podcast*, inseri um ou dois arquivos de audiodescrição dos episódios de Turma da Mônica, que estão disponíveis gratuitamente no *YouTube*. A partir deles, pude elaborar atividades de interpretação e de identificação de adjetivos que eram respondidas por meio de áudios enviados pelo aluno através do *WhatsApp*. Os *podcasts* também foram disponibilizados através dessa plataforma. Todos os arquivos foram gravados a partir do microfone do *smartphone*.

Após a elaboração do *podcast* e realizado o seu envio para a professora, começou-se a aplicação dele nas aulas remotas. Os arquivos foram enviados por meio de *WhatsApp*, nos quais continham a explicação do conteúdo e as audiodescrição dos episódios de Turma da Mônica. Os alunos tinham até a próxima aula de Língua Portuguesa para responderem os exercícios propostos. No encontro posterior, as discussões foram realizadas.

Antes do encontro com a turma e a professora, pedi para que Jorge, com o auxílio de sua mãe, fizesse a entrega das atividades através de áudios enviados por *WhatsApp*. Em seguida, fazemos uma vídeo-chamada para discutirmos o que estava sendo abordado no *podcast* e responder algumas perguntas sobre o conteúdo. Como o conteúdo era sobre adjetivos, não era complexo relacioná-lo com as vivências do estudante, podendo-se apropriar de seus sentidos como a audição, olfato e tato.

Nos encontros de discussão durante as aulas realizadas pela professora, fiz o acompanhamento para observar como o discente estava se saindo e como ocorria o processo de inclusão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Primeiramente será analisado se o fator inclusivo da ferramenta *podcast* foi cumprido. Para isso, se fez necessário observar como o aluno e a classe agiam antes da Intervenção Pedagógica e como passaram a agir durante a aplicação dela.



Como professor-auxiliar de um aluno com necessidades especiais de uma turma do 7º ano do Ensino Fundamental, também estava acompanhando as aulas de Língua Portuguesa para observar como o discente estava se saindo. Curiosamente, Jorge permanecia calado durante toda a aula e apenas se manifestava com algum fator externo não relacionado ao encontro virtual. Dessa forma, não conseguia compreender o conteúdo que estava sendo estudado, bem como não se sentia pertencente àquela situação de aprendizagem.

Após a aplicação do *podcast*, não só o próprio aluno começou a ser mais participativo, como também outros estudantes que não haviam se manifestado nas aulas anteriores. A professora inclusive abriu um espaço para que eles pudessem conversar entre si sobre as audiodescrições que foram transmitidas no *podcast*. Praticamente, todos os estudantes participaram, inclusive Jorge. Ele se sentiu motivado para expressar sua opinião sobre a aula e manifestar suas impressões sobre o que tinha aprendido. Isso se repetiu durante as outras três aulas sobre adjetivos.

A cada *podcast* compartilhado com Jorge e a turma, realizei uma reunião virtual com ele para que pudéssemos avaliar como estava a aprendizagem dos conteúdos e a realização das atividades.

Figura 2 – Encontro virtual para discussão da aprendizagem.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Os elementos utilizados para contextualizar o *podcast* foram as audiodescrições dos episódios de Turma da Mônica, disponíveis no *YouTube*. À vista disso, após cada transmissão, pedi ao aluno que me explicasse passo a passo o que tinha entendido do episódio, que tem como título “Chico Bento em: A flor”, no qual Rosinha pede a Chico Bento para buscar uma flor no alto de uma montanha. Jorge assimilou a ideia principal do vídeo, além de dizer algumas características dos dois personagens e dos animais que apareceram no episódio. Com os demais episódios exibidos dentro dos outros *podcasts*,

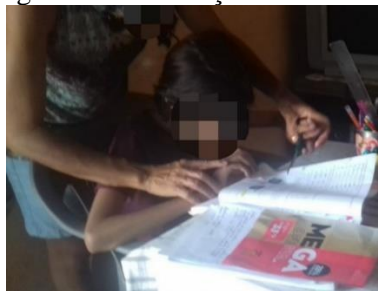


isso se repetiu, mesmo sendo aplicados áudios mais longos e com mais personagens, como os episódios “O corpo fala” e “Volta ao mundo”.

Inicialmente, a compreensão dos conceitos de adjetivos foi um dos tópicos mais complexos, pois ele não conseguia identificá-lo em uma frase ou oração usada como exemplo mesmo após a aplicação do *podcast*. Porém, isso foi sendo superado aos poucos durante as reuniões virtuais, em que eu aproveitava o conhecimento que ele desenvolvia no cotidiano para elaborar exemplos. Aos poucos, ele foi compreendendo algumas características de objetos, comidas e animais que ele tem em casa e relacionando ao conteúdo trabalhado sem depender das explicações dadas por mim nas reuniões virtuais. Como por exemplo, o sabor de uma comida, a pelagem de um cachorro, o formato do celular, os cheiros dos ambientes, entre outros.

De maneira a trabalhar o conceito de adjetivos com elementos do dia-a-dia de uma maneira prática, foi transmitido um *podcast* para ele e sua turma com explicações sobre o gênero do folheto publicitário em que ele deveria produzir um e descrever as características do produto vendido. As descrições foram mandadas através de áudio pelo *WhatsApp* e foram bem apresentadas. As imagens abaixo, mostram o processo de montagem e o resultado do folheto, que foi auxiliado pela mãe do aluno, a qual também teve sua identidade preservada.

Figura 3 – Elaboração do Folheto.



Fonte: Elaborado pela mãe do discente.

Figura 4 – Folheto terminado.



Fonte: Elaborado pela mãe do discente.

Jorge escolheu como produto uma televisão de 32 polegadas que estava com 20% de desconto e custava o valor de R\$899,00. A seguir, está a transcrição do áudio enviado pela mãe da criança em que o estudante descreve o produto: “Mega oferta! Televisão *Smart TV* de trinta e duas polegadas com vinte por cento de desconto custando apenas oitocentos e noventa e nove reais. Ela é preta, pequena, fininha, quadrada, linda e boa”.



Ao escutar os áudios enviados, pedi a Jorge que me explicasse quais eram os adjetivos utilizados por ele para descrever a televisão, ele me retornou dizendo a seguinte transcrição: “Preta, fininha, boa, quadrada, linda e pequena”.

Dessa forma, pude confirmar que o aluno estava conseguindo extrair os adjetivos de uma frase e aplicá-los na atividade em questão. Assim como os outros trabalhos, esse também foi compartilhado com a turma, em que cada um apresentou seu folheto e as características dos seus produtos, destacando os adjetivos utilizados. Jorge, como a grande maioria, conseguiu cumprir com os objetivos propostos pela atividade ao poder verbalizar os traços do produto escolhido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa se iniciou a partir de propiciação de seu objetivo principal, que é a busca pela aprendizagem de um aluno cego usando o *podcast* como uma ferramenta inclusiva. Ao final do trabalho, posso afirmar que tal metodologia serviu de grande alicerce para uma prática de ensino satisfatória em tempos de aulas remotas, pois além de facilitar a aprendizagem do conteúdo de adjetivos, permitiu a inclusão do aluno com necessidade especiais dentro do âmbito de discussões dos conteúdos e que ele reconhecesse seu papel como sujeito ativo do conhecimento, e não um mero receptor.

Por si só, o *podcast* não conseguiu se apresentar como uma ferramenta inteiramente autônoma e garantidora da aprendizagem, mas isso não se configurava como objetivo fundamental da pesquisa, e sim a aposta da inclusão como elemento primordial para o aprendizado de estudantes com necessidades especiais. É preciso sim, que haja uma orientação significativa do profissional da educação que acompanha o discente, seja o professor da disciplina ou o professor-auxiliar.

A partir do respaldo teórico realizado neste trabalho, pude perceber um processo importante dentro produção metodológica do *podcast* o qual ficou de fora da pesquisa, que é a produção dessa mídia por parte dos alunos. É importante que os estudantes atuem também como produtores de conhecimento para seus próprios colegas a partir, é claro, da orientação técnica e teórica dos profissionais educativos que os acompanham. Isso permite um maior raio de discussão que transcende até mesmos as obrigações em sala de aula e os inicia tecnologicamente no uso pedagógico da internet.



Todavia, o uso de tal mídia deve servir como um impulso, para que outras sejam utilizadas como ferramentas inclusivas e suplementares do processo de ensino-aprendizagem. Além disso, empreender diferentes metodologias ativas que se respaldem dentro desses métodos tecnológicos, como a Aprendizagem por Pares, do Eric Mazur, e a sala de aula invertida dos professores Jonathan Bergman, Karl Fisch e Aaron Sams. Contudo, é necessário investimento educacional e apoio à pesquisa acadêmico-pedagógica para que isso se torne uma realidade.

REFERÊNCIAS

BOTTENTUIT, J. B.; COUTINHO, C. P. Podcast uma Ferramenta Tecnológica para auxílio ao Ensino de Deficientes Visuais. *In: Comunicação, Espaço Global e Lusofonia – LUSOCOM*, 8., 2009, Lisboa. **Anais...** Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2009, p. 2114 – 2126.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a Base.** Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2018. Disponível em: Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf> Acesso em: 15 ago. 2020.

FREIRE, E. P. A (2013). **Podcast na educação brasileira: natureza, potencialidades e implicações de uma tecnologia da comunicação.** Natal, 2013. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Educação). Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **RAE – Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

MANTOAN, M. T. E. Educação escolar de deficientes mentais: problemas para a pesquisa e o desenvolvimento. **Cadernos Cedes**, v. 19, n. 46, p. 00-00, 1998.

MINAYO, M. C.S., DESLANDES, S. F., GOMES, R. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Editora Vozes Limitada, 2011.

NUNES, S.; LOMÔNACO, J. F. B. O aluno cego: preconceitos e potencialidades. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 14, n. 1, p. 55-64, 2010.

UCHÔA, J. M. S. **O gênero Podcast educacional: descrição do conteúdo temático, estilo e construção composicional.** 2010. 111 f. 2010. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Acre, Rio Branco.